



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

50
1956
2006
anos



AO SERVIÇO DA SAÚDE

ALMEIDA FARIA **VANITAS** PAULA REGO | **INGENUIDADES** EXPOSIÇÃO DE JORGE CALADO
CONFERÊNCIA **PRÊMIOS NOBEL DA MEDICINA** | **PORTUGAL E OS PORTUGUESES VISTOS PELOS IMIGRANTES**

Randy Harris

ÍNDICE

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO.....2

DESTAQUE

AO SERVIÇO DA SAÚDE 4

ACTUALIDADE NA FUNDAÇÃO

INGENUIDADES..... 6

ENCOMPASSING THE GLOBE EM WASHINGTON.....7

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO. DIÁLOGO DE VANGUARDAS 8

VANITAS DE PAULA REGO 9

PLATAFORMA NACIONAL APOIA INTEGRAÇÃO DE IMIGRANTES10

PORTUGAL E OS PORTUGUESES VISTOS PELOS IMIGRANTES.....11

COMUNICAÇÃO E PRECAUÇÃO EM AMBIENTE E SAÚDE12

CONFERÊNCIA SOBRE EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO12

BERLIM. A SOUL FOR EUROPE 17

PRÉMIOS GULBENKIAN.....18

CICLO NOBEL..... 18

BREVES

BOLSAS DE ESTUDO19

FUNDAÇÃO APOIA PLANO NACIONAL DE LEITURA19

UTOPIA EM EDIÇÃO ESPECIAL19

ARQUITECTURA E PAISAGEM NA FUNDAÇÃO.....20

JARDIM GULBENKIAN VISITADO POR DELEGAÇÃO
DO SOUTH BANK CENTRE20

MUSEU GULBENKIAN COM VISITAS AUDIOGUIADAS20

SIR CHARLES LAW WHISHAW (1909-2006).....20

VISITA DA VICE-PRESIDENTE DA ÁFRICA DO SUL21

VISITA DO MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DA UCRÂNIA.....21

FUNDAÇÃO GULBENKIAN ELEITA PERSONALIDADE DO ANO.....21

Um ROSTO DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

SARA MAYER BRANCO 22

Um ROSTO DA ARTE E DESIGN

MÓNICA SANTOS.....23

Uma OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

A VIRGEM E O MENINO. JEAN DE LIÈGE.....24

Uma OBRA DO CAMJAP

FERNAND LÉGER. NATURE MORTE..... 25

Uma OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

SOUVENIR OF CINTRA: DRAWN FROM NATURE.....26

AGENDA

..... 27

PUBLICAÇÕES

.....31

MEMÓRIA

.....32

NEWSLETTER Nº 79. JANEIRO. 2007

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27

info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

COLABORAM NESTE NÚMERO

Ana Barata [Uma Obra da Biblioteca de Arte] | Leonor Nazaré [Uma Obra do CAMJAP]

Maria Rosa Figueiredo [Uma Obra do Museu Gulbenkian]

FOTOGRAFIA Nuno Vieira

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX]

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 12000 exemplares

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO UM COMPROMISSO COM O FUTURO

No dia 18 de Julho de 2006 a Fundação Calouste Gulbenkian completou cinquenta anos de existência. A data foi assinalada com uma sessão solene a que o Senhor Presidente da República se dignou presidir. Em todas as áreas estatutárias, um vasto e diversificado programa comemorativo foi sendo desenvolvido, homenageando o Fundador, recordando todos quanto deram corpo e desenharam o carácter da Instituição, evocando a actividade realizada em Portugal e no estrangeiro e lançando interrogações e perspectivas para a acção futura.

Muitos se quiseram associar ao cinquentenário da Fundação, com gestos, mensagens e iniciativas. A todos e a cada um devemos manifestar o nosso reconhecimento. Permito-me destacar duas, pelo seu significado simbólico e relevância institucional. A decisão do Instituto Português do Património Arquitectónico, devidamente homologada pelo Governo, de classificar os edifícios e os jardins da Fundação como Monumento Nacional. É a primeira obra do século XX a merecer esta distinção. A outra foi a deliberação da Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal, considerando a Fundação como a Personalidade Portuguesa do Ano, que tem o especial significado de representar o julgamento de observadores qualificados da realidade portuguesa.

A presença do público e a divulgação por parte dos media das nossas iniciativas e intervenções, das exposições às conferências, dos concertos aos espectáculos, tem constituído o sinal visível de que o renovado dinamismo que estamos imprimindo à vida da Fundação encontra eco na sociedade portuguesa.

No plano internacional a Fundação, atenta aos sinais dos tempos, prossegue a linha que traçámos de maior e mais diversificada presença. Fomos o maior patrocinador português do Museu da Língua Portuguesa – Estação



Jose Manuel Costa Alves

da Luz, em S. Paulo. No plano humanitário, apoiámos as vítimas do tremor de terra na Caxemira e respondemos com um subsídio ao apelo do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados.

A eleição para a Vice-presidência do Centro Europeu de Fundações, que antecipa a assumpção da presidência, constitui o reconhecimento do nosso papel no movimento fundacional europeu e, simultaneamente, a abertura a uma mais ampla participação nas redes internacionais de filantropia.

Às nossas permanentes preocupações com a rigorosa gestão do património, a modernização das infra-estruturas, a melhoria dos aspectos organizacionais e a formação dos recursos humanos, juntámos um importante passo no sentido do nosso aperfeiçoamento institucional. Em 2006, no quadro das nossas obrigações de transparência e responsabilização, adoptámos códigos de conduta para os membros do Conselho de Administração e para todos os colaboradores da Fundação, conjuntos de normas de natureza ética e deontológica que traduzem um padrão de elevada exigência.

No ano que agora começa, prosseguirá uma programação intensa, diversificada e inovadora. Serão lançados os novos Prémios Gulbenkian – Arte, Beneficência, Ciência e Educação – e o Prémio Internacional Calouste Gulbenkian, que evocará as múltiplas dimensões que marcaram a vida e a personalidade do Fundador.

Depois da experiência muito positiva dos projectos que visam contribuir para o melhor conhecimento das determinantes ambientais na saúde das populações, lançaremos um novo Programa Gulbenkian Ambiente, de âmbito alargado e com incidência, para além da

saúde, nos domínios da investigação e inovação, da cidadania e da cooperação entre os diferentes agentes, públicos, privados e sociedade civil.

Nos projectos Transversais e Inovadores, iniciaremos um Programa Inter-Universitário de Doutoramento visando promover quer a colaboração mais intensa entre departamentos de diferentes universidades portuguesas, quer a atracção de competências científicas externas para as nossas universidades e centros de investigação.

Continuaremos a nossa reflexão e questionamento dos grandes temas da actualidade com conferências e seminários de que assinalo as conferências internacionais: “Imigração: Oportunidade ou Ameaça”, em Março, “Ciência e a Política”, em Maio, e “A Ciência e os seus limites”, em Outubro.

As exposições “INGenuidades”, “Cartier (1847-1912).

O Percurso de um Estilo”, “50 Anos de Arte Portuguesa”, entre outras, continuarão a linha de grandes mostras com temáticas e conceitos curatoriais muito diferentes.

O Concerto que encerrará oficialmente as Comemorações do Cinquentenário, a 17 de Julho de 2007, será preenchido com obras de compositores contemporâneos encomendadas pela Fundação.

Tive ocasião de dizer e gostaria de reafirmar que sendo o gesto do Fundador um acto de grande generosidade e confiança para com os vindouros, administrar hoje a Fundação é assumir um compromisso com o Futuro”. Futuro que nos cabe interrogar, assumindo riscos, renovando e inovando a nossa acção. Futuro que devemos construir, aproveitando plenamente o enorme potencial e a nova dinâmica da Fundação Calouste Gulbenkian.

Bom Ano 2007!

Emílio Rui Vilar

AO SERVIÇO DA SAÚDE

DESTAQUE

Ao longo de 50 anos, a Fundação Gulbenkian teve um papel preponderante na área da Saúde em Portugal, em diversos campos, como a prevenção e controlo de doenças, a formação e investigação, mas também a modernização dos serviços médicos e hospitalares. Evocar esse papel, ilustrando a contribuição da FCG para a melhoria das condições de saúde e de bem-estar dos portugueses no último meio século, é o objectivo da exposição *Ao Serviço da Saúde*, patente até ao dia 26 de Janeiro. Comissariada pelos professores Jorge Soares e Ana Eiró e concebida pela arquitecta Teresa Nunes da Ponte, a exposição mostra a intervenção da Fundação nesta área, concretizada através de apoios diversificados.



PREVENÇÃO

A prevenção das doenças transmissíveis e a detecção precoce de tumores malignos são grandes conquistas da Medicina na última metade do século XX. A vacinação generalizada conseguiu erradicar doenças infecciosas e evitou milhares de vítimas. O despiste precoce de alguns tipos de cancro aumentou a esperança de cura dos doentes e de retorno a uma vida com qualidade. O plano nacional de vacinação, o controlo da malária e o rastreio do cancro da mama são exemplos da intervenção da Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito da saúde preventiva.

FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO

Promover a qualificação de profissionais da saúde, apoiando projectos de doutoramento e estágios em centros internacionais de prestígio, foi um dos pilares da intervenção da Fundação Gulbenkian. Desde 1956, foram atribuídas cerca de mil bolsas de estudo para a realização de trabalhos de investigação, para a aquisição de experiência profissional e treino técnico, em particular na utilização dos equipamentos de diagnóstico e tratamento doados aos hospitais e outras instituições. Nestes 50 anos, beneficiaram de oportunidades de valorização profissional médicos, enfermeiros, técnicos de saúde, farmacêuticos, gestores hospitalares, numa vasta intervenção que contribuiu para melhorar o funcionamento das unidades de saúde em Portugal.



MODERNIZAÇÃO TECNOLÓGICA

Os progressos alcançados em muitos domínios com aplicação em Medicina, assim como a inovação nas tecnologias e nos equipamentos médicos, criaram condições para termos mais e melhor saúde. A modernização tecnológica dos hospitais permitiu a prática de uma medicina avançada, quer nos processos para identificar as doenças, quer na forma de as tratar. A partir da década de 70, com o apoio da Fundação Gulbenkian, muitas instituições, por todo o país, modernizaram instalações e equipamentos, o que teve grande impacto na melhoria das condições de saúde dos portugueses.

FUTURO

Ao mesmo tempo que os sucessos da investigação biomédica nos proporcionam recursos nunca antes imaginados, as mudanças das condições sociais, económicas e ambientais fazem surgir novas patologias. As alterações climáticas, a pobreza e a exclusão social favorecem o reaparecimento de doenças transmissíveis quase extintas e a emergência de infeções para as quais não estamos protegidos. Os tempos do futuro colocam novos problemas e grandes desafios. A Fundação Calouste Gulbenkian continuará ao serviço da saúde dos portugueses. ■



Emílio Rui Vilar, Ana Eiró, Jorge Soares, ministro da Saúde e Isabel Mota.



INGENUIDADES DAS FORÇAS DA NATUREZA AO ESPAÇO SIDERAL

*Sala de Exposições Temporárias da Sede
1 de Fevereiro a 29 de Abril de 2007*

POR JORGE CALADO*

Mais do que uma exposição sobre engenharia, “INGenuidades” (INGenuity / INGenium) é um comentário sobre o estado do nosso planeta, transformado e mal gerido pelos humanos. No 50º Aniversário da Fundação, apetecia fazer diferente e evitar o óbvio. Tem havido importantes exposições internacionais (nem todas bem sucedidas) sobre Fotografia e Arquitectura, Ciência e Fotografia, Fotografia e Indústria, etc. Nunca houve nenhuma sobre Engenharia e Fotografia. Coube ao Serviço de Ciência da Fundação patrocinar e produzir tal novidade. O desafio maior era formar um discurso (mais ou menos) coerente que englobasse todas as engenharias – das cinco tradicionais (civil, mecânica, de minas, química e electrotécnica) às mais recentes, como a nuclear, a informática e de computadores, a espacial ou a genética. E porque as obras são feitas por homens e mulheres, juntou-se também aquilo que pode ser denominado como engenharia social, e que inclui algumas das mais hediondas práticas do século XX (que continuam no XXI) – trabalho infantil, segregação racial, migração forçada, genocídio, guerra. Raciocinar é dividir (a dificuldade em partes) e classificar. A ideia unificadora de todas as diversidades foi buscá-la aos Gregos e aos Hindus. Os quatro elementos – terra, água, ar, fogo –, às vezes cinco, como os sólidos platónicos (cubo, icosaedro, octaedro, tetraedro, dodecaedro). O quinto elemento anda em geral associado à noção de espaço, éter (sideral) ou vazio. A humanidade erege abrigos e edifica na terra; constrói barragens e navega na água; lança pontes e voa no ar; usa o fogo para trabalhar metais, transformar substâncias ou matar o inimigo.

A associação dos vários tipos de engenharia aos sólidos platónicos é atraente, na medida em que a engenharia é ciência aplicada e as melhores soluções são, em geral, as mais simples (que são simultaneamente as mais belas e as mais eficazes). Às vezes a solução é tão simples que o engenho se transforma numa ingenuidade. A roda, por exemplo. As formas geométricas clássicas são património da engenharia. Não é por acaso que Keops tem a sua pirâmide, que o Panteão de Roma é circular, que há um triângulo desenhado nas montanhas andinas ou que a solução para as famosas “conchas” da Ópera de Sydney tenha sido encontrada na esfera. Técnica e estética podem ser sinónimos – o pretexto para esta exposição. Não são quatro, mas sete as várias secções em que se divide “INGenuidades” (tal como as cores do arco-íris, as notas da escala musical ou as maravilhas da Antiguidade). Para abrir o apetite, a exposição começa com uma demonstração das forças da Natureza associadas aos quatro elementos: os terremotos, as cataratas e tsunamis, os furacões, os vulcões e os incêndios. De certo modo, as obras de engenharia surgem como uma defesa da humanidade em relação a estas forças (mas resultam também do seu aproveitamento). Segue-se uma homenagem às grandes maravilhas da construção nos cinco ou seis continentes – escolha oportuna numa altura em que se volta a pensar nas sete maravilhas actuais. Foram chamados: Stonehenge, pirâmides, linhas Nazca, Grande Muralha, templos e catedrais, Ópera de Sydney, etc. Portugal mostra o cromeleque dos Almendres como nunca fora visto. Depois são as várias engenharias, ancoradas em cada elemento, começando pela civil

(em oposição à militar), que modifica a terra. A meio do percurso, faz-se um regresso à Terra, onde vivemos. Tal como as espécies, as obras de engenharia nascem, crescem (são ampliadas e modificadas) e morrem. De acidente, morte natural ou eutanásia. Veja-se o que acontece com os edifícios: uns entram em processo acelerado de ruína, outros são implodidos por designio, outros ainda, mais icónicos, sossobram a ataques terroristas. Tal como as espécies, as técnicas evoluem. Veja-se o que aconteceu aos modos de transporte e de comunicação. De tudo isso se dá conta em “INGenuidades” – uma exposição que é também um exercício sobre o poder dialéctico da Criação e Destruição, resolvido pelo Renascimento ou Reciclagem (ou seja, a fénix renascida das cinzas). Houve a ambição de percorrer toda a história da fotografia – as suas práticas e técnicas e os seus usos. Há peças históricas famosas como o registo da construção do Great Eastern – o primeiro grande transatlântico (1857) de I. K. Brunel, que lançaria o primeiro cabo submarino entre a Europa e a América – fotografado por Robert Howlett; mas há também o trabalho recente de Tomasz Gudzowaty ou Edward Burtynsky, no Bangladesh, que dá conta do desmantelamento (muitas vezes à mão) dos grandes navios e petroleiros. Há o testemunho das obras de engenharia que marcaram a exploração do Oeste americano e da Austrália no século XIX, mas também empreendimentos contemporâneos grandiosos como a Barragem das Três Gargantas na China ou a construção do novo Airbus

gigante. O fotojornalismo coexiste pacificamente com a obra dos que recusam ser fotógrafos para serem apenas artistas. E há fotografias concebidas e realizadas expressamente para esta exposição. Uma exposição desta natureza é necessariamente internacional na exemplificação da obra de engenharia, bem como na origem dos fotógrafos. Portugal está presente com peças de meia dúzia de autores portugueses, de Paulo Catrica a Paulo Nozolino. A exposição é grande e complexa, e convida a várias leituras, lineares e cruzadas. Não é para ser vista peça a peça, isoladamente, mas sim para ser apreciada impressionisticamente, como acontece com o passeio por um jardim. Visitas sucessivas conduzirão a novas pistas e relacionamentos. O objectivo é fruir boa fotografia e fazer pensar. São perto de 350 obras, de 170 artistas (mais uma mancha de desconhecidos), vindas de mais de 60 origens – museus (da National Gallery of Australia, em Camberra, ao San Francisco Museum of Modern Art e ao Victoria & Albert Museum, de Londres), galerias, prestigiadas colecções institucionais e particulares, bem como os próprios artistas. Depois da sua exibição em Lisboa, “INGenuidades” viajará, em Outubro de 2007, até ao BOZAR, em Bruxelas, onde coincidirá com a presidência portuguesa da União Europeia. ■

** Professor de Química-Física do Instituto Superior Técnico e curador da exposição “INGenuidades”*

EXPOSIÇÃO EM WASHINGTON CONSAGRA DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

A Fundação Calouste Gulbenkian vai apoiar a exposição “Encompassing the Globe: Portugal and the World in the 16th and 17th Centuries”, promovida pela Smithsonian Institution, a inaugurar em Junho de 2007, em Washington. A mostra integra 300 peças, entre pinturas, esculturas, manuscritos, mapas e primeiras edições impressas criadas pelos povos de várias culturas com os quais os portugueses entraram em contacto durante as suas primeiras rotas comerciais, em África, no Oceano Índico, no Extremo-Oriente (China e Japão) e no Brasil. De Portugal viajam diversas peças provenientes de três dezenas de instituições como os Museus de Arte Antiga, Machado de Castro, Soares dos Reis, o Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, a Biblioteca Pública de Évora, o Palácio Nacional da Ajuda e a Biblioteca

da Ajuda. Do estrangeiro destacam-se empréstimos cedidos por instituições como o Museo Pignorini, de Roma, o Museu do Hermitage, o Património Nacional, de Madrid, a Biblioteca Apostólica Vaticana, o Metropolitan Museum of Art, de Nova Iorque, o Kunsthistorisches Museum de Viena, o National Museum de Copenhaga e o Grünes Gewölbe de Dresden, entre outras. A exposição vai explorar o reflexo no conhecimento e na arte deste encontro de civilizações nos séculos XVI e XVII. Para além do apoio financeiro, a Fundação está representada no conselho científico da mostra, através do director-adjunto do Museu Calouste Gulbenkian, Nuno Vassallo e Silva. Os restantes membros do conselho são Jay Levenson, Julian Raby, Jean-Michel Massing, Regina Krahl e Kenneth Maxwell. ■



Ricardo Oliveira

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO UM SUCESSO DE PÚBLICO

Inaugurada no dia 14 de Novembro passado, a exposição *Amadeo de Souza-Cardoso. Diálogo de Vanguardas* foi já visitada por dezenas de milhares de pessoas, afluência que justificou o alargamento do horário de abertura ao público. São ao todo 260 obras de pintura e desenho do artista português, e trabalhos de 36 artistas internacionais seus contemporâneos, vindos de vários museus de todo o mundo e de muitas colecções particulares. A Tate Modern, o Metropolitan Museum, o Centro Pompidou e a Galeria Tretiakov são algumas das instituições que cederam obras para esta mostra. O presidente da Comissão Europeia, o Presidente da República e o primeiro-ministro, foram alguns dos visitantes desta exposição que coloca Amadeo no seu lugar legítimo na cena internacional, ao lado de artistas como Picasso, Brancusi, Modigliani, Malévitch, Gleizes e Sonia e Robert Delaunay. Na inauguração da exposição, realizou-se um Concerto (Im)Previsto, um recital em forma de *happening*, com direcção cénica de Margarida Bettencourt, em torno de Amadeo (foto do topo). A exposição termina a 14 de Janeiro. ■



VANITAS FUNDAÇÃO ENCOMENDA TRÍPTICO A PAULA REGO

Almeida Faria escreveu, Paula Rego pintou e a obra vai ser apresentada, publicamente, no dia 11 deste mês na Fundação Gulbenkian. O tríptico de Paula Rego faz agora parte da colecção permanente do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão. Na apresentação do livro, Eduardo Lourenço escreve sobre a obra.

No seu texto, o Personagem que tão oniricamente ressuscita lamenta nunca ter conseguido comprar uma daquelas vanitas onde a beleza da vida só serve para exaltar a morte. Apesar disso, o seu belo texto chama-se Vanitas e não é um retrato do famoso colecionador sob fundo de morte, mas o de um homem, literalmente falando, aquém e além dela. Como se vida e morte fossem as duas faces de uma mesma medalha, embora seja sempre tarde demais quando o sabemos.

Tudo no seu texto me parece nítido como um sonho bem sonhado. Foi a primeira impressão que tive ao lê-lo, como na adolescência, ao ler o venerável Poe. Apreciei entrar para o seu sonho escrito como se fosse meu, que em tempos também acordei nessa mansão de nababo asceta, sem ter os seus dons para restituir a atmosfera dessa casa encantada. É extravagante e precisa a sua evocação daquela alma tão prática de novo rei mago do Oriente que se refugiava das atrocidades da vida entre as flores de Fantin-Latour. O seu texto é afinal um hino ao que não morre e, a esse título, uma vanitas anti-vanitas. É um conto imerso no prazer

da própria construção, filho da curiosidade sempre um pouco perversa do que nós chamamos “arte”. Encantou-me a exaltação fria com que se passeia, como medium de um Mecenas de génio, através do jardim de imagens que lhe servia de paraíso. Creio que Vanitas é o texto em que a sua pessoal ironia e ambíguo fascínio diante da ficção como o nada de tudo encontrou o tom mais óbvio. E justo.

No centro do seu tríptico, de braços cruzados, entre retrato em majestade e realístico auto-retrato, Paula Rego preside à cerimónia da vida entre sono onde a morte se esquece e vida que de olhos bem abertos parece disposta a “matar a morte”, como Shakespeare ousou escrever. Como se a antiga panóplia das vanitas cristãs já não tivesse o poder de nos reenviar ao nosso antigo nada. É nas nossas mãos que está a folclórica foice, sem a sombra temerosa de Goya, rodeada de todos os brinquedos do nosso divertimento, indiferente ao Tempo e à sua música mortal. Como se esta humana assunção da Morte encarnasse agora a universal indiferença com que a vivemos e já não fosse a musa suprema instalada no nosso coração no lugar de Deus, lembrando-o. Não é uma Vanitas, máscara de Deus ou da sua ausência, por isso sumptuosa. É a nossa, contemporânea-ascética, quase infantil. Talvez só agora nossa verdadeira morte. Quer dizer, vida sem transcendência. ■



Isabel Mota, administradora da Fundação e Franco Frattini, comissário europeu.

SOCIEDADE CIVIL REÚNE-SE PARA APOIAR INTEGRAÇÃO DE IMIGRANTES

A Fundação Calouste Gulbenkian e outras fundações nacionais, bem como os parceiros sociais e a Associação Empresarial Portuguesa e a Associação Industrial Portuguesa, autarquias e organizações da sociedade civil vão trabalhar em conjunto para minorar o isolamento das comunidades imigrantes em Portugal. O documento que cria a Plataforma sobre Políticas de Acolhimento e Integração de Imigrantes foi assinado no dia 21 de Novembro, no final da conferência *A União Europeia e a Imigração*. Figura central da conferência, o vice-presidente da Comissão Europeia, Franco Frattini, deu voz à necessidade de uma política europeia mais concertada e abrangente neste capítulo.

Na iniciativa, inserida no Fórum Gulbenkian Imigração, estiveram também presentes o ministro de Estado e da Administração Interna, António Costa, o ministro-adjunto do primeiro-ministro, Pedro Silva Pereira e Françoise Pissart, presidente do Steering Committee do Programa Europeu para a Integração e Migrações (EPIM), para discutir a Agenda Comum para a Integração e a Abordagem Comum em matéria de Gestão da Imigração Económica.

Os Estados-membros estão hoje muito atentos aos fluxos migratórios, até porque os números têm consequências e não podem ser ignorados, explica Frattini, responsável pelo pelouro da Justiça, Liberdade e Segurança da Comissão Europeia: “Nos primeiros 10 meses de 2006, desembarcaram mais de 27 mil migrantes nas costas das ilhas Canárias e quase 17 mil na ilha de Lampedusa.”

As migrações estão no topo da agenda comunitária e são “um dos desafios mais visíveis da globalização, um fenómeno transnacional que implica a coordenação de diversas áreas de actuação, do desenvolvimento à educação, política regional, emprego e relações externas”. No entanto, as políticas de integração têm sido descuradas na esfera de decisão comunitária, aponta o comissário. Os Estados-membros estão, sobretudo, preocupados com “as questões de segurança”. Apesar de uma coordenação mais intensa nos últimos anos em matéria de imigração, Frattini frisa, por exemplo, que “a integração e a migração legal não foram consideradas na Abordagem Global de Dezembro de 2005”, documento de concertação de estratégias nas fronteiras da União Europeia.

ACOLHER EM PORTUGAL

É neste ponto que a plataforma criada pela Fundação Calouste Gulbenkian quer intervir, para facilitar a integração dos imigrantes a nível nacional: contribuindo para que a sociedade civil ganhe competências e possa influenciar a definição das políticas nesta área; distinguindo periodicamente as autarquias que melhor apliquem os Princípios Básicos Comuns para a Integração de Imigrantes, entre outras iniciativas. Os Princípios Básicos Comuns são adoptados por todos os membros da plataforma (ver caixa).

Para cumprir estes objectivos, vão ser organizados debates e campanhas de sensibilização, exposições e manifestações

interculturais, com vista a melhorar a compreensão e aceitação positiva da nova realidade. Num trabalho mais directo, grupos de imigrantes vão poder aprender conhecimentos básicos da língua, história e instituições portuguesas. Serão também desenvolvidas estratégias para prevenir a discriminação no mercado de trabalho e para apoiar a formação de sectores ou pequenas empresas que empreguem imigrantes ou de imigrantes. O grupo de acompanhamento da plataforma terá três reuniões anuais, vai monitorizar e acompanhar a integração dos Princípios Básicos Comuns nas políticas e práticas nacionais e locais e promover a realização de fóruns de reflexão nestas matérias. Este grupo deverá preparar o Regulamento do Instrumento de Reconhecimento de Boas Práticas. ■

PARCEIROS DA PLATAFORMA

Fundação Aga Khan, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Fundação Oriente, Fundação Luso-Brasileira, Fundação Portugal África, Comissão Episcopal para a Mobilidade Humana, Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional, União Geral dos Trabalhadores, Confederação dos Agricultores Portugueses, Confederação do Comércio e Serviços de Portugal, Confederação da Indústria Portuguesa, Confederação do Turismo Português, Associação Industrial Portuguesa e Associação Empresarial Portuguesa e 13 autarquias nacionais – Almada, Amadora, Faro, Lisboa, Loures, Moita, Oeiras, Porto, Santa Maria da Feira, Seixal, Sintra, Vila do Conde e Vila Franca de Xira.

Fórum Gulbenkian Imigração

Portugal e os Portugueses vistos pelos Imigrantes

Auditório 2
31 de Janeiro · 15:00 horas

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
50 ANOS

acime

N E

Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano
Fotografias © Tatiana Macedo / Design gráfico: R2 design

OUTROS OLHARES IMIGRANTES

Portugal e os Portugueses vistos pelos Imigrantes é o tema da próxima sessão do Fórum Gulbenkian Imigração, a realizar no dia 31, no Auditório 2, das 15h00 às 19h00. Com esta iniciativa inverte-se a abordagem habitual sobre a temática da imigração, reflectindo sobre a perspectiva que aqueles que habitualmente são classificados de outros têm de nós. A sessão começará com a apresentação de um documentário realizado especificamente para esta sessão por Luísa Homem, seguindo-se um debate

centrado na *Visão dos Media* moderado por Rui Marques, alto-comissário para a Imigração e Minorias Étnicas, contando com a participação de jornalistas da Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal. O painel final será em forma de debate, moderado pelo comissário do Fórum António Vitorino, com duas personalidades – Luíz Felipe Scolari e Ramón Font – que, pelas funções desempenhadas e a notoriedade que lhes é reconhecida, têm um “olhar próprio” sobre o nosso país. ■

AMBIENTE É PRIORIDADE PARA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Em 2007, a Fundação Calouste Gulbenkian vai lançar um programa de Ambiente. O anúncio foi feito na última conferência do ciclo Ambiente e Saúde, no dia 23 de Novembro, dedicada ao tema *Comunicação e Prevenção*. Para concretizar o projecto, a Fundação assinou neste dia um acordo de cooperação com a Agência Europeia do Ambiente e com o Joint Research Center e apresentou o Portal Ambiente e Saúde (www.ambientesaude.pt), o primeiro do género em Portugal.

O Programa Gulbenkian de Ambiente confirma a vontade da Fundação “de ir ainda mais longe” nesta área, asseverou o presidente, Emílio Rui Vilar, na apresentação do projecto. “Estamos atentos às questões do nosso tempo e temos vindo a dar crescente atenção à problemática do Ambiente, que é hoje uma das nossas áreas prioritárias”, salientou o presidente. A comprovar esta preocupação, em 2006 a Fundação Calouste Gulbenkian promoveu um conjunto de iniciativas no âmbito do binómio Ambiente e Saúde. De destacar, segundo Rui Vilar, “a realização de um concurso para financiamento de projectos de investigação” e “o ciclo Ambiente e Saúde, integrado no Fórum Gulbenkian de Saúde, composto por três conferências e três seminários, amplamente participados”. Este novo programa será orientado por três grandes áreas temáticas: Ambiente e Saúde, dando continuidade ao trabalho em curso e reconhecendo a saúde como um veículo privilegiado de sensibilização dos cidadãos e cooperação entre agentes; Ambiente e Inovação, apoiando a investigação e tentando estimular os focos de criatividade; e Ambiente e Cidadania, identificando novas competências e boas práticas cívicas no domínio do Ambiente. Será a partir destas três linhas-mestras que se irão desenvolver iniciativas de informação, reflexão e debate, de investigação e disseminação de conhecimento e de qualificação de recursos humanos e organizações. Neste projecto em prol do ambiente, são parceiros privilegiados o Joint Research Center e a Agência Europeia do Ambiente (AEA), que “compila dados de 31 países e procede à sua validação através de uma rede que reúne mais de 300 entidades ambientais, públicas e privadas”, explicou Rui Vilar. As instituições terão os *websites* interligados e, em conjunto, vão organizar conferências e outras actividades, como colaborações de peritos em eventos promovidos pela Fundação e a organização de estágios de peritos nacionais na AEA e no Joint Research Center. ■

CONFERÊNCIA EDUCAÇÃO, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM JEITO DE CONCLUSÃO

POR LUÍSA OLIVEIRA*

1 Começaria por sublinhar o espírito pragmático que caracterizou a organização desta conferência. Para além da discussão teórica, da apresentação de casos concretos de vários países europeus e de resultados empíricos, procurou-se, através da organização de mesas-redondas – que tinham como tarefa reflectir e discutir o caso português –, ir um pouco mais além, no sentido de abrir caminho à possibilidade de concretização de medidas que promovam a articulação entre Educação, formação profissional e inovação, como pilares básicos do modelo de desenvolvimento europeu, a que se convencionou chamar “Sociedade do Conhecimento”. Como é referido no texto programático da Conferência, o propósito era exactamente mobilizar as experiências em curso na Europa para identificar grandes escolhas para Portugal, se quisermos fazer da Educação e da formação uma alavanca mais forte para o desenvolvimento do país.

2 A relação entre Educação e Desenvolvimento tem sido, como se sabe, objecto de debate e controvérsia ao longo de várias décadas, como é próprio ao desenvolvimento da ciência. Por um lado, e isso é consensual, verifica-se a existência de relações estreitas e estatisticamente significativas entre os elevados níveis de habilitação das populações nos países desenvolvidos, estando também provado que, nos países pobres ou em vias de desenvolvimento, as populações têm baixos ou mesmo baixíssimos níveis de escolarização.



Eduard Lorenz, Angel de la Fuente, Maria João Rodrigues e Eduardo Marçal Grilo na sessão de abertura da conferência.

A questão estará em saber se os elevados níveis de escolarização são causa ou consequência do desenvolvimento. Neste quadro, tem proliferado no âmbito da Economia um conjunto de estudos que visam medir a contribuição do investimento em capital humano para o crescimento económico e o aumento da produtividade. Disso nos dá conta *Angel de la Fuente* que, numa perspectiva crítica, elenca os estudos que tendem a negar esse impacto, demonstrando o autor, com argumentos sustentados, que tal se deve tanto à má qualidade dos indicadores usados nas fontes estatísticas convencionais, como à concepção do modelo econométrico. Isto é, se o “investimento em capital humano” for testado como “variável determinante” – e não apenas como uma variável de investimento entre outras –, conclui-se, sem margem para dúvidas, que o capital humano tem um impacto muito positivo nos ganhos de produtividade.

3 Esta perspectiva macroeconómica de abordagem do problema não resolve, contudo, as interrogações que se colocam a um nível mais micro, o nível da empresa. E que interrogações são estas? Edward Lorenz coloca, a meu ver, o dedo na ferida, se me é permitida a expressão, quando equaciona a problemática da organização do trabalho em relação com o aumento dos níveis de escolarização e de formação e com a inovação. E coloca o dedo na ferida porque? A pergunta é simples e tem subsistido na cabeça de alguns de nós desde que,

há 20 anos, começámos a gastar muito dinheiro em formação profissional e a falar em necessidades de formação. Como se pode definir um plano de necessidades de formação mantendo um modelo de organização do trabalho de tipo taylorista, que era – e é – o modelo de organização do trabalho dominante em Portugal? Na análise que o autor faz sobre as diferenças na organização do trabalho dos países da UE a 15, identifica quatro modelos de organizar o trabalho, desde o mais exigente em termos de conhecimentos – e também de aprendizagens –, que confere mais autonomia e maior responsabilidade aos trabalhadores, de quem se espera capacidades para resolução de problemas em contexto de trabalho (*discretionary learning*), até aos modelos mais pobres, em termos de aprendizagem, em que as tarefas a desempenhar têm um baixíssimo grau de complexidade e que são, portanto, pouco exigentes em termos de qualificação. Estes modelos pobres são predominantes sobretudo nos países do Sul da Europa – Portugal, Espanha, Grécia e Itália –, enquanto os modelos mais exigentes e mais ricos em saberes predominam na Holanda, nos países nórdicos e, em menor escala, na Alemanha e na Áustria. Retomando uma das questões estruturantes desta Conferência, sobre se os níveis de Educação-formação condicionariam a possibilidade de um país alterar o seu perfil de especialização para actividades de maior valor acrescentado, com mais e melhores empregos, a resposta dada por Edward Lorenz não podia ser mais clara: sim,

se a organização do trabalho mudar e mudar radicalmente nos países em que ainda predominam as formas mais tradicionais incluindo o taylorismo e mesmo um “taylorismo melhorado”, digamos assim, designado como “*lean production*”, estando estas formas de organização do trabalho associadas a empregos de menor qualidade, maiores níveis de stress e menor grau de satisfação dos trabalhadores. Mas o autor vai mais longe ainda, testando as relações entre organização de trabalho e capacidade de inovação, concluindo que, nos países em que organização do trabalho predominante é mais exigente em termos de conhecimentos e confere mais autonomia e responsabilidade aos trabalhadores (*discretionary learning*), é também onde a capacidade de inovação é mais elevada e a de inovação de tipo radical – mais geradora de riqueza – é mais provável. E a Educação ou, se quisermos, o capital humano, que Angel de la Fuente nos disse ser fundamental para o aumento da produtividade, como é que interfere com a capacidade de inovação nas empresas? Edward Lorenz diz-nos que o **ensino superior e, em particular, a formação de terceiro nível de cientistas e engenheiros são muito importantes para a capacidade de inovação, mas, só por si, não resolvem o problema.** Permitam-me que sublinhe esta conclusão: ensino superior e, em particular, a formação de terceiro nível de cientistas e engenheiros são muito importantes para a capacidade de inovação, mas, só por si, **não** resolvem o problema. É, digamos assim, condição necessária, mas não suficiente. A variável-chave para aumentar a capacidade de inovação é a formação profissional especificamente promovida pelas empresas e em contexto laboral. E o autor conclui, no que diz respeito aos países do Sul da Europa, que, apesar de um grande esforço de investimento na formação de engenheiros e cientistas, estes países têm os mais baixos investimentos em formação profissional contínua, assim como permanecem na cauda do *ranking* dos países mais avançados em termos de uma organização do trabalho qualificante. Sem surpresas, pelo menos para o caso português, que alguns de nós conhecem bem, atrevo-me a sublinhar que convém não retirar daqui a ilação que mais formação profissional contínua na empresa resolve o nosso problema, sem mais. É que a ordem dos factores não é arbitrária. Fazer isso sem mudar o modelo de organização do trabalho é o que temos vindo a fazer há anos com resultados bastante pobres, como se sabe. A variável crítica está, em Portugal, na capacidade de gestão das empresas. E é por isso mesmo que o tema do empreendedorismo é particularmente importante.

4 Esta importância foi também reconhecida pela Comissão Europeia, que considerou que a educação para o empreendedorismo deve ser central nas políticas nacionais para a Educação. Caroline Jenner fala-nos deste

tema considerando que se trata de uma espécie de “educação para o mundo real”, que, por definição, deve ser académica e prática. Defende a autora que deve começar logo na escola primária, de forma adequada, evidentemente, e que esta abordagem será fundamental para a capacidade futura de inovação, assim como para alargar a capacidade de percepção das oportunidades económicas dos jovens relativamente ao seu futuro profissional, venham eles a tornar-se empresários, a criar o seu próprio emprego, ou não. O Junior Achievement Young Enterprise é um programa de ensino-aprendizagem para alunos voluntários, apresentado como um exemplo a seguir.

Trata-se de evitar e/ou resolver o que podemos chamar “iliteracia” relativamente ao mundo da economia e dos negócios, numa sociedade em que a dimensão económica parece suplantar todas as outras. Eu diria que não vale a pena iludirmo-nos a este propósito e que é importante levar este tema muito a sério. Mas trata-se também de desenvolver um conjunto de competências comportamentais, como a autoconfiança, o espírito de competição, a capacidade de motivação, o espírito de risco, entre outras. José Pedro Dionísio partilha a ideia de que o espírito inovador, a exemplo do que sucede com outras características comportamentais, também se aprende na escola e deve ser considerado em pé de igualdade com outro tipo de competências. Nesta óptica, o autor identifica as principais barreiras comportamentais à inovação, que passo a citar:

- i) A postura de facilidade e de facilitismo que caracteriza a educação de muitos dos nossos jovens, que crescem ao ritmo da satisfação total dos seus desejos e caprichos e a quem nada é negado. Como consequência, na fase adulta, têm uma atitude geral de apatia perante a vida e de desinteresse pela realidade que os rodeia, para além da sua envolvente mais directa;
- ii) esta cultura de facilitismo caracteriza-se por uma protecção exagerada por parte dos pais, o que provoca uma grande dependência dos jovens, falta de espírito de iniciativa e medo de errar.

É perante este quadro que as escolas universitárias devem promover pedagogias promotoras do empreendedorismo e do espírito inovador, estimulando a capacidade de experimentar e ousar dos jovens, atenuando simultaneamente o receio de errar.

5 Mas a Educação para a inovação não se restringe aos mais jovens. Toda a população em idade activa é potencialmente mobilizável para a construção desta Sociedade do Conhecimento e da Inovação e, se o desafio lançado pela Agenda de Lisboa é promover a competitividade com coesão social, então a formação ao longo da vida é um instrumento fundamental deste projecto



Eduardo Marçal Grilo com a comissária e vice-comissária da conferência, Maria João Rodrigues e Luisa Oliveira

de desenvolvimento, não só para barrar a exclusão dos menos escolarizados, como para não deixar que se tornem obsoletas as competências dos mais qualificados num contexto acelerado de mudança.

Este aspecto é fundamental para Portugal, dado que temos o mais baixo nível de escolarização da população entre os 25 e os 34 anos entre os países da OCDE, como nos lembrou aqui Helena Nazaré. Nesta faixa etária menos de 10 por cento dos jovens portugueses têm ensino superior e não chegam a 20 por cento os que concluíram o secundário. Os cursos de Especialização Tecnológica recentemente regulamentados pelo Governo, que contemplam uma parte da formação em contexto de trabalho e conferem uma qualificação de nível IV, são uma peça essencial na qualificação da população activa. Mas a sua sustentabilidade, lembra ainda Helena Nazaré, depende da criação de condições financeiras que não existem.

6 Johan van Rens lembrou-nos os objectivos da política europeia no que diz respeito à **formação profissional (VET – vocational education training)** e à **aprendizagem ao longo da vida**, nomeadamente o Programa Europeu para Qualificação, incluindo medidas para promover a validação de competências e qualificações. Fazendo

um balanço da situação, deixa algumas recomendações a incluir na estratégia europeia para a inovação, nomeadamente:

- um uso mais efectivo dos recursos existentes;
- novas metodologias de aprendizagem tanto nas escolas como em contexto de trabalho;
- desenvolvimento de competências-chave;
- parcerias de aprendizagem ao nível local e regional, promovendo a **cooperação entre diferentes actores envolvidos** com o objectivo de fortalecer os laços entre Educação/formação, mercado de trabalho e sociedade;
- Uma definição de programas de formação profissional orientados para o futuro e um estreitamento dos laços com o ensino superior, aspectos que serão retomados posteriormente.

Os Governos e a UE, defende ainda o autor, deveriam identificar os pontos-chave da estratégia de inovação e apoiar-se, para o efeito, na investigação já realizada, em parcerias público-privadas e em **pactos de inovação envolvendo os parceiros sociais e outros actores relevantes**.

7 O papel da Universidade neste contexto é trazido à discussão por Helena Nazaré, que nos diz que a criação de um espaço europeu de investigação,

sustentado pelo reforço do investimento em I&D tanto a nível nacional como comunitário – devendo alcançar três por cento do PIB em 2010 –, está mais longe de ser atingido em 2006 do que estava em 2000. Apesar disto, as universidades têm vindo a alterar a sua missão, abrindo-se à sociedade através da cooperação com outras instituições públicas e privadas, nomeadamente autarquias e empresas, chamando a atenção para um aspecto que reputo de essencial: a inovação em si mesma, entendida como a comercialização com sucesso de ideias novas geradas pela investigação, não faz parte da missão da Universidade – tendo aqui as empresas um papel essencial a desempenhar –, cabendo-lhe, sim, a responsabilidade de criação de conhecimento aplicável e de uma filosofia de formação que garanta competências para a inovação, nomeadamente a capacidade empreendedora, a literacia digital e a mudança de atitudes no que diz respeito à tradicional passividade do sujeito no processo de aprendizagem. Para alcançar este objectivo, a autora defende que a ligação dos estudantes à investigação se processe logo nos programas de formação inicial e não apenas no doutoramento, na medida em que, por esta via, se adquirem competências de liderança, de estratégia e de gestão de projectos.

Mas, para além de uma política de investigação que dê prioridade a áreas específicas, identificadas como úteis ao tecido económico, envolvendo as empresas na co-produção desse conhecimento susceptível de apropriação imediata, a autora chama a atenção para o facto de as Universidades terem um fim público mais alargado do que a resposta imediata às necessidades económicas da sociedade global e sublinha que a política de estímulo à competição entre instituições levada a cabo pelos Governos deve ter em conta que “existem casos em que o mercado não se encontra do mesmo lado que os interesses sociais”. Estavam lançados os dados para a discussão sobre a nova missão das universidades na Sociedade do Conhecimento e a sua relação com a indústria, por um lado, e com o Estado, por outro.

8 O tal espírito pragmático a que aludi no início para caracterizar a organização desta Conferência atingiu a sua expressão maior na Sessão sobre *Educação, Inovação e Desenvolvimento em Interação*, vocacionada para *modus operandi* de casos concretos e para discussão de metodologias de implementação.

É neste quadro que Makku Linna, a partir da experiência do seu país, a Finlândia, nos contou, ponto por ponto, como um pequeno país europeu está a conseguir vencer o desafio da inovação, centrando-se numa cooperação estreita entre políticas de Educação e de inovação focadas especificamente no reforço das actividades definidas como prioritárias, na internacionalização e em processos

de tomada de decisão selectivos, baseados em previsões. É também neste quadro de preocupação com a concretização de medidas que Koen Bois d’Enghien nos deixa um conjunto de sugestões e medidas para a construção do que chama “*learning sectors*” ou “sectores aprendentes”. E o que são sectores aprendentes? Trata-se de transpor para o nível sectorial o conjunto de medidas elencadas ao longo da conferência, em particular as que se referem à Educação-formação (VET), à formação ao longo da vida, à **construção de redes** que envolvam um leque amplo de parceiros sociais – tais como os parceiros sociais sectoriais, os centros sectoriais de formação, mas também os serviços públicos de emprego, as federações empresariais e sindicais, as instituições de formação, as instituições do ensino superior, etc. –, que, em conjunto, devem criar “uma cultura sectorial de aprendizagem”.

A construção social destas parcerias sectoriais para a formação está muito facilitada pelo facto de os parceiros sociais já estarem organizados por sector.

Este caldo de cultura permitiria uma adesão maior à formação profissional e estimularia as actividades sectoriais de investigação, elevando as potencialidades do sector para a inovação.

Nalguns países europeus, estão já implementadas estratégias de formação de base sectorial. É o caso da Finlândia, com os “comités sectoriais de formação”, que são uma espécie de conselheiros do ministro da Educação no que diz respeito ao planeamento das actividades de Educação e formação, incluindo os *curricula*, a qualidade e a quantidade de cursos necessários em cada sector. É também o caso da França, com os contratos de estudos prospectivos, e o caso do Reino Unido, com a Agência para o Desenvolvimento Sectorial de Qualificações, só para citar alguns países. Mas, em nenhum deles, se foi tão longe como na proposta que o autor aqui deixa sinteticamente designada como “sectores aprendentes”.

9 Também Ana Cláudia Valente defende a abordagem sectorial. A autora problematiza criticamente as metodologias mais convencionais de levantamento de necessidades de formação, defendendo que têm de ser complementadas com abordagens *bottom-up*, focalizadas em sectores, regiões, profissões ou grupos-alvo, requerendo metodologias de tipo qualitativo e um profundo envolvimento dos actores relevantes no processo. Estamos, de outro modo e seguindo outro caminho, a chegar ao mesmo ponto: **como construir sectores aprendentes e envolver activamente os parceiros sociais e o Governo neste processo?** ■

* *Comissária-adjunta da Conferência*



CONFERÊNCIA

A SOUL FOR EUROPE

PROGRAMA “MOZART” PARA INTERCÂMBIO DE ARTISTAS EUROPEUS

Na segunda conferência *A Soul for Europe*, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian propôs a criação de um programa de intercâmbio europeu para artistas e criadores, com o nome “Mozart”, semelhante ao programa Erasmus de intercâmbio de estudantes. Uma ideia bem acolhida pela União Europeia. Na conferência, que decorreu em Berlim de 17 a 19 de Novembro, Emílio Rui Vilar defendeu ainda que a criatividade será condição para a inovação e para a competitividade presente e futura da Europa, um campo em que as fundações, enquanto agentes activos, têm responsabilidades: “Nós temos nas nossas universidades, nos nossos institutos de investigação, nos nossos artistas, um valor que podemos aproveitar melhor e as fundações, como representantes da sociedade civil, podem ter um papel a desempenhar neste aspecto.”

O presidente da Comissão Europeia falou na abertura

da conferência, apelando à defesa dos valores da liberdade, da tolerância e da democracia, contra o fundamentalismo. Durão Barroso patrocinou as duas conferências berlinenses, que reuniram centenas de personalidades da vida cultural, científica e política europeia, numa iniciativa da sociedade civil que tem como base uma proposta de Jacques Delors, antigo presidente da Comissão Europeia.

Esta segunda edição da conferência cultural *A Soul for Europe* teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, da Compagnia de San Paolo (Itália), da Stiftelsen Riksbankens Jubileumsfond (Suécia) e da Robert Bosch Stiftung (Alemanha). A próxima edição deverá ter lugar em Portugal, no segundo semestre de 2007, durante a presidência portuguesa da União Europeia, de acordo com o anúncio feito pela ministra da Cultura. ■



PRÉMIOS GULBENKIAN



Vai decorrer até ao dia 15 de Março deste ano, o processo de candidaturas aos Prémios Gulbenkian. O **Prémio Internacional** será de 100 mil euros e destina-se a distinguir projectos na área dos Direitos Humanos (diálogo intercultural e interétnico) e do Ambiente. Será atribuído alternadamente em cada ano. O presidente do Júri internacional é Jorge Sampaio. Os outros quatro prémios, no valor de 50 mil euros, serão atribuídos nas áreas estatutárias da Fundação – Arte, Beneficência, Ciência e Educação – e serão entregues todos os anos a 20 de Julho, dia do Fundador. A decisão da atribuição será da responsabilidade do Conselho de Administração da Fundação, com base na proposta de um júri independente constituído para o efeito e composto por personalidades de reconhecido mérito, nacionais e estrangeiras. O júri do **Prémio Gulbenkian Beneficência** será presidido por António Barreto e o do **Prémio Gulbenkian Ciência** por Fernando Lopes da Silva. O **Prémio Gulbenkian Educação** e o **Prémio Gulbenkian Arte** serão presididos, respectivamente, por Maria Helena da Rocha Pereira e João Marques Pinto.

As candidaturas, bem como a consulta dos vários regulamentos, podem ser feitas através de um formulário na nossa página da Internet, www.gulbenkian.pt. ■

CICLO PRÉMIOS NOBEL NA FUNDAÇÃO

Durante este mês, a Fundação Calouste Gulbenkian presta tributo a seis prémios Nobel, pela importância do seu trabalho para o progresso da humanidade.

Na área da Medicina ou Fisiologia, são convidados Rolf M. Zinkernagel (1996), Eric Kandel (2000), Phillip A. Sharp (1993), Sidney Brenner (2002) e Tim Hunt (2001) e, na da Química, Aaron Ciechanover (2004).

O ciclo começa a 10 de Janeiro com Rolf M. Zinkernagel, galardoado pela descoberta de como o sistema imunitário reconhece as células infectadas por vírus. Actual director do Institute of Experimental Immunology, da Universidade de Zurique, Rolf M. Zinkernagel vai questionar *Porque não temos ainda uma vacina contra o HIV?*, numa conferência orientada pelo director do Instituto Gulbenkian de Ciência, António Coutinho.

No dia 15 de Janeiro, Eric Kandel, professor na Universidade de Columbia, falará sobre o tema *Ratos, Homens e Doença Mental: A utilização de modelos animais no estudo das perturbações psiquiátricas*, com moderação de Fernando Lopes da Silva, professor da Universidade Erasmus, de Amesterdão. Eric Kandel, psiquiatra de formação, demonstrou como a eficácia das sinapses pode ser modificada e como as sinapses têm um papel central

na aprendizagem e na memória.

Entender os Mecanismos do Splicing é o propósito de Phillip A. Sharp, vencedor do Prémio Nobel da Medicina em 1993 pela descoberta de *split genes*, que mudou a forma como os cientistas olham para a evolução e avanço da investigação sobre doenças hereditárias, incluindo alguns cancros. O investigador vai intervir no dia 18 de Janeiro, numa palestra presidida por Carmo Fonseca, directora do Instituto de Medicina Molecular.

A 24 de Janeiro, Tim Hunt aborda *O Controlo das Transições do Ciclo Celular*, com Manuel Sobrinho Simões, director do IPATIMUP. Tim Hunt fez parte do grupo que identificou substâncias-chave na regulação do ciclo celular, investigações que abrem novas perspectivas para o tratamento do cancro e de outras patologias. Estas quatro conferências terão lugar às 18h00, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Neste mesmo dia, mas às 10h00, Aaron Ciechanover – vencedor do Nobel pelos seus trabalhos sobre a degradação das proteínas –, trata o tema *O Proteosoma e a Morte Celular*, no Museu de Serralves. Preside à mesa Alexandre Quintanilha, do Instituto de Biologia Molecular e Celular do Porto. ■

BOLSAS DE ESTUDO

A Fundação estabeleceu acordos com duas importantes universidades europeias para o desenvolvimento de Calouste Gulbenkian Scholarships. Trata-se do King's College London, prestigiada universidade britânica, e do European University Institute, com sede em Florença, Itália. No caso do King's College, o programa tem a duração de três anos e já foi seleccionado o primeiro candidato – um doutoramento sobre as relações entre a Igreja Católica e o Estado Novo. Quanto a Florença, foi celebrado um protocolo para atribuição de bolsas de estudo a candidatos lusófonos que pretendam realizar pesquisas, ao nível de pós-doutoramento, sobre cultura europeia e portuguesa, nas seguintes áreas: Economia, História e Civilização, Direito, Ciências Sociais e Políticas. ■



UM CONTRIBUTO PARA O PLANO NACIONAL DE LEITURA

Durante três anos, a Fundação vai apoiar o Plano Nacional de Leitura (PNL) com uma verba de 150 mil euros anuais. O protocolo foi assinado pelo administrador da Fundação, Eduardo Marçal Grilo, e pela comissária do PNL, Isabel Alçada, na presença da ministra da Educação. Nos termos do protocolo, à Fundação Gulbenkian é atribuído o estatuto de parceiro do PNL, tendo em vista contribuir para a sua execução através da concessão de apoio técnico e financeiro. Neste sentido, Eduardo Marçal Grilo afirmou que “articular os programas na área da língua, dos livros, da leitura, apoiar as bibliotecas e formar bibliotecários” são alguns dos objectivos que a FCG se propõe atingir com esta parceria. ■

UTOPIA EM EDIÇÃO ESPECIAL

Uma nova edição do clássico da literatura universal *Utopia*, de Thomas Morus, com um estudo introdutório de José de Pina Martins e uma versão fac-similada da obra (exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, edição de Novembro de 1518), foi publicada pela Fundação. Esta é a primeira vez que o texto latino é publicado em Portugal, numa edição crítica acompanhada de tradução portuguesa, a partir do texto original, feita pelo professor Aires Augusto Nascimento. Esta edição é ainda enriquecida com a reprodução de alguns quadros com a figura do autor e com alguns dos exemplares da sua bibliografia, disponibilizados pelo professor Pina Martins, da sua extensa biblioteca pessoal (na foto).

Utopia, de Thomas Morus (1477-1535), é uma das obras maiores do humanismo renascentista europeu. Publicado pela primeira vez em 1516, o texto de *Utopia* foi revisto pelo seu autor para nova edição em 1518, e de novo publicado com última revisão de autor no mesmo ano (Basileia, Novembro, J. Froben). A obra mereceu os maiores elogios de Erasmo e de outros humanistas que acompanharam as edições, como consta de textos agora revelados na publicação da Fundação Calouste Gulbenkian. Os humanistas portugueses (nomeadamente, João de Barros, Jerónimo Osório, Heitor Pinto) deram também atenção ao texto de Morus, mas a sua divulgação foi travada pela censura. ■



ARQUITECTURA E PAISAGEM NA FUNDAÇÃO



Ana Tostões, Marcelo Rebelo de Sousa, e Aurora Carapinha.

Marcelo Rebelo de Sousa apresentou, na Festa dos Livros Gulbenkian, as obras *Os Edifícios* e *O Jardim*, da autoria de Ana Tostões e Aurora Carapinha, sobre o património paisagístico e arquitectónico da Fundação. Antes do lançamento, realizaram-se duas conferências e um debate sobre o tema. Na mesa-redonda participaram os arquitectos paisagistas autores do projecto do jardim, Gonçalo Ribeiro Telles e António Viana Barreto, o engenheiro coordenador da obra, Alderico Santos Machado, e o artista que colaborou no projecto de arquitectura de interior do museu, Rogério Ribeiro. ■

JARDIM GULBENKIAN VISITADO POR DELEGAÇÃO DO SOUTH BANK CENTRE

Uma representação do South Bank Centre de Londres visitou o Jardim Gulbenkian, no mês de Novembro, para conhecer o projecto de reestruturação do espaço. O complexo cultural South Bank Centre alberga o centro cultural mais proeminente de Londres, com uma galeria de arte, vários auditórios para concertos e restaurantes. Os visitantes foram recebidos pelo administrador Martin Essayan e pelos arquitectos paisagistas Ribeiro Telles e João Mateus, bem como por Aurora Carapinha, co-autora da publicação sobre os jardins *Gulbenkian – Arquitectura e Paisagem*. Martin Essayan fez notar: “As semelhanças entre a Fundação e o South Bank Centre são consideráveis, uma vez que os edifícios são da mesma época e partilham algumas características arquitectónicas semelhantes. Além disso, têm um destacado e preponderante papel cultural em ambos os países.” ■

ORQUESTRA GULBENKIAN EM DIGRESSÃO

O Coro e Orquestra Gulbenkian actuaram em três importantes palcos europeus no decurso de uma digressão realizada no mês de Dezembro: o Concertgebouw de Amsterdão, o Théâtre des Champs Élysées de Paris e o Auditório Nacional de Música de Madrid. O programa incluiu a fantasia em Dó menor para piano, coro e orquestra de Beethoven, o concerto n.º 5 para piano e orquestra do mesmo compositor e *Persephone* de Stravinsky. A Orquestra foi dirigida pelo maestro titular e director artístico Lawrence Foster, num programa em que foram convidados a pianista Héléne Grimaud e o tenor Bruce Sledge. ■

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN COM VISITAS AUDIOGUIADAS

O Museu Calouste Gulbenkian já dispõe de audioguias para facilitar um melhor conhecimento das obras de arte e dos diferentes núcleos da Coleção. O audioguia permite ao visitante definir o itinerário a realizar, entre os quinze núcleos existentes: uma visita geral às galerias, um itinerário através das civilizações da Antiguidade ao Extremo-Oriente, as obras reunidas por Calouste Gulbenkian que integraram importantes colecções europeias ou ainda as Escolhas do Director, que incluem uma selecção de peças entre as mais significativas da Coleção. Esta iniciativa conta com a colaboração do Serviço Educativo do Museu, de forma a requalificar e a modernizar as visitas de um público cada vez mais exigente. Os audioguias encontram-se disponíveis em quatro línguas: português, inglês, francês e espanhol. ■

SIR CHARLES LAW WHISHAW (1909-2006)

Morreu em Dezembro passado, em Hampshire, com a idade de 97 anos, Sir Charles Law Whishaw, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1956 e 1981. ■

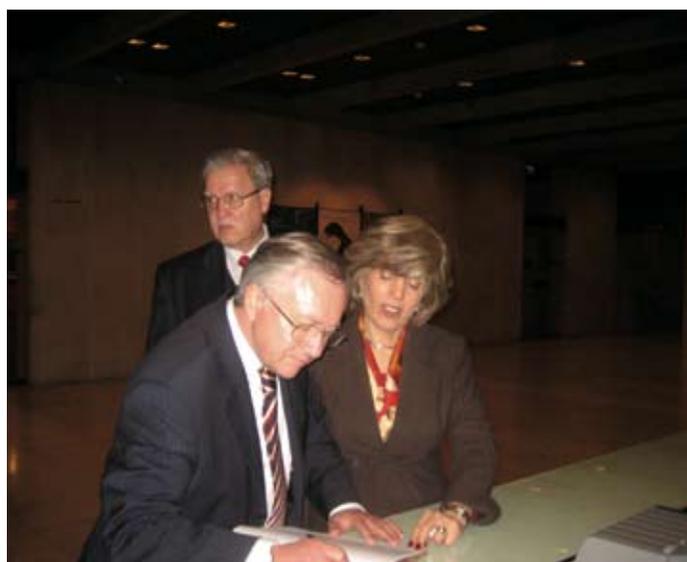
FUNDAÇÃO RECEBE VICE-PRESIDENTE DA ÁFRICA DO SUL

No âmbito de uma visita oficial a Lisboa realizada no final do ano passado, a vice-presidente da África do Sul, Phumzile Mlambo-Ngcuka, visitou a Fundação Calouste Gulbenkian. Emílio Rui Vilar, Isabel Mota e Teresa Gouveia receberam a governante acompanhada por uma comitiva composta, entre outros, pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, o vice-ministro do Comércio e Indústria, a vice-ministra das Artes e Cultura, o vice-ministro para a Comunicação. Emílio Rui Vilar fez uma apresentação das principais actividades desenvolvidas pela Fundação ao longo dos seus 50 anos de existência.



MINISTRO UCRANIANO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS ATENTO À IMIGRAÇÃO

Uma delegação da Ucrânia, chefiada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Borys Tarayuk, visitou a Fundação Calouste Gulbenkian no final de Novembro. Recebida pela administradora Isabel Mota, a comitiva inteirou-se da acção da Fundação em todas as áreas e, em especial, do Projecto de Reconhecimento de Habilitações de Médicos Imigrantes, que integrou 45 médicos ucranianos no Serviço Nacional de Saúde. A visita terminou com uma ida ao Museu Calouste Gulbenkian. Na foto, o ministro assina o livro de honra do museu, na presença da administradora da Fundação. ■



FUNDAÇÃO GULBENKIAN ELEITA PERSONALIDADE DO ANO PELA AIEP

A Fundação Calouste Gulbenkian é a Personalidade do Ano 2006 eleita pela Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal (AIEP). A AIEP vem assim destacar a actividade da instituição na cultura, arte, ciência e educação, a nível nacional e internacional, no ano em que comemora meio século de existência.

De acordo com a presidente da associação, Belén Rodrigo, “o trabalho feito pela Fundação em diferentes áreas e que tem contribuído para o desenvolvimento do país em sectores muitas vezes negligenciados pelo Estado”, justifica a escolha. “Das actividades da Gulbenkian tiveram proveito não só os portugueses, mas também cidadãos do mundo todo. Reconhecemos assim a sua universalidade”, explicou a correspondente em Portugal do jornal espanhol *ABC*, em declarações à Agência Lusa. Para Emílio Rui Vilar, “esta distinção é uma grande honra”. “Representa um estímulo para continuar o renovado dinamismo da Fundação nas artes, na beneficência, na ciência, na educação e nos movimentos internacionais de filantropia”, afirmou. O prémio Personalidade do Ano é escolhido anualmente, desde 1990, pelos membros da AIEP, que reúne cerca de 50 jornalistas dos mais importantes meios de comunicação representados em Portugal. Com este galardão a associação distingue a personalidade portuguesa que mais contribuiu para projectar a imagem de país no exterior ao longo desse ano. Em anos anteriores foram eleitos Carlos Paredes (1990), José Saramago (1998), a embaixadora Ana Gomes (1999), Luís Figo (2000), o arquitecto Álvaro Siza Vieira (2002), a fadista Mariza (2003), José Manuel Durão Barroso (em 1993 e 2004). No ano passado, António Guterres recebeu o galardão depois de ter sido nomeado alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados. ■

FUNGOS, OS ORGANISMOS DESCONHECIDOS

Nome: Sara Mayer Branco*

Idade: 29 anos

Área: Ciências Biológicas



João Vicente

O QUE A LEVOU A ESCOLHER A UNIVERSIDADE DE CHICAGO?

Desde cedo que me interesso por cogumelos e fungos em geral. São organismos extremamente interessantes, pouco conhecidos e difíceis de estudar. Uma vez que em Portugal existem muito poucos investigadores dedicados à Micologia, decidi que devia prosseguir os meus estudos fora do país e procurei contactar especialistas na área com quem pudesse colaborar. O prof. Gregory M. Mueller, curador do Departamento de Botânica do Field Museum of Natural History e professor associado da Universidade de Chicago foi a principal razão pela qual optei por esta instituição. O prof. Mueller interessa-se por ecologia e evolução de fungos e tem um vasto trabalho nesse campo. A segunda razão que me levou a eleger a Universidade de Chicago foi o facto de ser uma instituição de reconhecida qualidade e de oferecer um dos melhores programas de doutoramento na área da Biologia Evolutiva a nível mundial. E estou extremamente satisfeita com a minha escolha. Posso dizer que esta vinda para Chicago superou as melhores expectativas.

QUAL O TEMA QUE DESENVOLVE PARA A SUA TESE?

Estou interessada em perceber como é que fungos se adaptaram a ambientes extremos. Estudo fungos micorrízicos (que vivem em simbiose com plantas) de solos serpentínicos, um tipo especial de solo, caracterizado por uma composição química diferente da da maioria dos solos e hostil a um grande número de plantas. Muitas das plantas que habitam estes solos estão especialmente adaptadas a este ambiente, na forma de espécies ou de raças que só existem nestes habitats. A minha ideia base é perceber se este ambiente extremo está envolvido na trajectória evolutiva dos fungos do mesmo modo que influencia as plantas, isto é, se há espécies ou raças fúngicas especialmente adaptadas aos solos serpentínicos. Nutro um interesse particular por habitats mediterrânicos e faço a maior parte do meu trabalho de campo em Trás-os-Montes.

PROJECTOS FUTUROS...

Apesar de um doutoramento ser um projecto longo e detalhado é frequente deixar tópicos por explorar. Penso que o meu tema não é excepção e é minha intenção continuar a dedicar-me ao estudo dos fungos, particularmente a questões ligadas ao modo como estes organismos evoluíram. ■

* bolseira do Serviço de Educação e Bolsas a frequentar Doutoramento em Ciências Biológicas na Universidade de Chicago

TÃO DIFERENTEMENTE ESTEREOTIPADOS...

Nome: Mónica Santos*

Idade: 26 anos

Área: Arte e Design



COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE VIVER E ESTUDAR EM LONDRES?

Cachecol e luvas feitas à mão por dígitos longínquos. Cantar músicas católicas coreanas ao ir para casa. Procurar tesouros enterrados nos caixotes dos mercados. Comer japonês finalmente com japoneses. Receber conselhos de ilustres pessoas e pensar que a minha geração era a rasca. Transformar-me em lagartixa e apanhar sol descuidado nos parques sem pensar em ficar sem rabo. Conversar em português como quem bebe uma iguaria exótica. Comer queques de mirtilo sem conseguir durante muito tempo traduzir o que era este sabor. Andar pelos estúdios e perceber como somos todos tão diferentemente estereotipados. Nunca perceber como é que se consegue beber café tão mau. Ser militante sem me aperceber de que causa defendo. Ter uma nova família alugada e ser filha e mãe ao mesmo tempo. Crescer com o adubo próprio.

QUER DESTACAR ALGUNS DOS PROJECTOS QUE DESENVOLVEU AO LONGO DO MESTRADO?

Um dos projectos que me deu muito prazer fazer foi um relacionado com Rosa Casaco, o ex-inspector da PIDE, que assassinou o general Humberto Delgado. Este vídeo intitula-se *The story of the missing Pink Jacket* e foi um desafio, tanto ao tentar fugir à perspectiva documental normal, como ao expor este caso a uma audiência estrangeira. É feito com imagens de Portugal, até à Revolução de 1974, que se contrapõem a uma textura rosa que cobre e encobre tudo e todos.

O segundo projecto, *Diary of an insomniac*, foi uma instalação/ilustração que era constituída por um pilha de almofadas sobre as quais estava um diário. Este diário é escrito por uma personagem, um insone, que, pela necessidade que tem de explicar as situações singulares que acontecem na sua vida, começa a elaborar um diário. Este livro é feito de tecido de lençol e as ilustrações e textos impressos/escritos no pano.

O terceiro projecto é um vídeo, tal como o primeiro projecto que enunciei, mas tem um carácter mais pessoal do que social. Chama-se *Your words* e é feito com várias técnicas que experimentei no Royal College of Art, como a pintura directa no filme. Este vídeo fala de comunicação e como há palavras que se tornam mortas, deixam de ter qualquer reflexo em nós. No entanto, essas palavras, apesar de mortas, ficam em nós para renascer quando menos se espera.

PROJECTOS ACTUAIS E FUTUROS...

Actualmente, acabei de fazer o meu *website* pessoal (www.combme.com) e pretendo continuar a divulgar os meus filmes, que este ano já passaram por festivais como Curtas de Vila do Conde, Cinanima e Jovens Criadores. Futuramente, penso preparar-me para um novo ano e para os desafios que vêm dos seus 365 dias. ■

* bolsista do Serviço de Belas-Artes no Departamento de Communication Art & Design do Royal College of Art, Londres

A VIRGEM E O MENINO

ATRIBUIDO A JEAN DE LIÈGE

Durante toda a Idade Média, os temas religiosos dominaram a arte escultórica. Inicialmente integrada na arquitectura, a escultura só adquire vida própria no período gótico. É então que surge a figura isolada, a pouco e pouco humanizada, facto motivado, em parte, pelos grandes flagelos da época, nomeadamente a Guerra dos Cem Anos e os numerosos surtos de peste negra, causadores de milhares de vítimas.

A devoção à Virgem Maria conhece então uma expansão prodigiosa. Produzem-se quantidades abundantes de imagens da Virgem com o Menino, de qualidade desigual, em que rareiam as obras-primas. Também os materiais variam, dos mais preciosos, como o mármore, o alabastro e o marfim, aos mais correntes, como a madeira e a pedra.

A Virgem e o Menino em exposição no Museu Calouste Gulbenkian destaca-se pela sua beleza e requinte. Executada em mármore, trabalhado com grande perícia, a preciosidade da estatueta era realçada pela bordadura a ouro do manto, ainda hoje visível, e pelas coroas de metal e pedras preciosas incrustadas, infelizmente desaparecidas, mas cuja primitiva existência se comprova pelos orifícios existentes nas cabeças das figuras e no peito da Virgem.

A imagem destaca-se igualmente pela humanidade de um momento de ternura na relação que une a mãe ao filho. Em vez de uma Virgem majestática, surge-nos aqui uma mãe que sorri para o seu filho, que lhe afasta as pernas, em gesto familiar e quase irreverente, enquanto o petiz segura na mão um passarinho (fragmentado), o seu brinquedo ocasional. A tipologia da Virgem, de proporções alongadas e típico requebro da anca, e a do Menino, que com sua Mãe mantém uma relação de intimidade, é característica das obras produzidas na segunda metade do século XIV.

A imagem está atribuída a Jean de Liège, escultor ao serviço de Carlos V, rei de França, com presença comprovada em Paris desde 1361 e que usufruiu de um avultado número de encomendas por parte do rei e da sua corte, nomeadamente para as abadias de Saint-Denis e Saint-Antoine-des-Champs. ■



A Virgem e o menino

Atribuída a Jean de Liège (activo 1357-1381)

França (Paris), c. 1364

Mármore, vestígios de dourado, 63 x 20,5 x 13 cm.

Proveniência: Abadia Cisterciense de Saint-Antoine-des-Champs, Paris. Colecção Engel-Gros, Ripaille. Adquirida por Calouste Gulbenkian, por intermédio de Duveen, na venda desta colecção, realizada na Galeria Georges Petit, em 1 de Junho de 1921.



FERNAND LÉGER NATURE MORTE

Se o real visível se torna, na linguagem cubista, uma manta de retalhos, em que cada um corresponde à parcela de um ponto de vista diferente, qualquer forma de representação mais fiel a esse real visível inicial que lhe seja acoplada parecerá uma estranha intrusão. É da estranheza dessa associação que é feita esta natureza-morta.

Uma breve ilusão de perspectiva dada pelas esquinas “incorrectas” da mesa dissolve-se na tonalidade desconstrutiva de um conjunto de superfícies fatiadas, recortadas e intensamente convocadas a integrar o princípio da planura, cujas eventuais “profundidades” mais não serão que placas imaginárias muito finas coladas umas sobre as outras, em desafios cromáticos favoráveis à pretendida ilusão espacial ambígua.

Mas, sobre a mesa esboçada, desenham-se com nitidez um cachimbo, um telefone, um vaso com uma planta. A abstracção padronizada do “lugar” abre coordenadas à inscrição do apontamento realista. Sentimo-lo como um pulmão, um recurso final de vitalidade discursiva: ali vive-se, fala-se, respira-se; a natureza “morta” e decorativa duma composição mecânica é também o cenário revigorado duma presença viva, vegetal e humana. ■

Fernand Léger
Nature morte, 1928
 Óleo sobre tela
 95,3 x 76,5 cm
 Nº inv.: PE127

SOUVENIR OF CINTRA: DRAWN FROM NATURE

Pelo ambiente em que se perpetuam as memórias do grande passado nacional, pelo prestígio duma natureza tão admirada pelos mais ilustres estrangeiros, pelas inconfundíveis obras de arte que encerra, amemos em Sintra um dos sítios do Mundo em que ao gosto da contemplação se depara um milagre de beleza.” Estas palavras fazem parte da “Impressão geral” que Afonso Lopes Vieira escreveu na 1ª edição do *Guia de Portugal*, publicado em 1924. O seu tom elogioso vem na senda de outras anteriores, como aquelas com que Gil Vicente descreveu Sintra: “Um jardim do paraíso terreal”. Local de visita obrigatória no itinerário dos muitos viajantes estrangeiros a partir de meados do século XVIII, é sobretudo nos seus relatos que se encontram as mais coloridas descrições dos palácios, quintas e, sobretudo, da paisagem natural de Sintra.

De facto, o gosto pelas viagens, em voga na Europa, trouxe a Portugal numerosos viajantes das mais variadas origens: franceses, alemães, suecos, ingleses. Muitos deles deixaram escritas as suas impressões do país, dos seus habitantes e dos hábitos e costumes mais curiosos, publicadas a partir do final do século XVIII. Para além de Lisboa, cujas notícias da destruição provocada pelo terrível cataclismo de Novembro de 1755 ecoavam ainda na memória, a vila de Sintra e os seus arredores eram também de visita obrigatória. Mais do que os palácios e as quintas foi a beleza natural de Sintra, a um tempo selvagem e paradisíaca, que mais encantou e inspirou os espíritos românticos dos viajantes. E os mais empolgados testemunhos do deleite provocado por tal beleza, foram expressos por alguns súbditos de Sua Majestade britânica. Das impressões da sua primeira visita a Portugal, em 1787, William Beckford escreveu sobre Sintra: “É ilimitada a perspectiva que se desfruta deste monte



em forma de pirâmide.” Poucos anos depois, em 1808, o poeta Robert Southey, na sua obra *Letters Written during a Journey in Spain and a Short Residence in Portugal*, confessou: “Se eu tivesse nascido em Sintra, julgo que nada haveria que me tentasse a abandonar as suas sombras deliciosas.” Mas, talvez, o maior admirador britânico das maravilhas naturais de Sintra tenha sido Lord Byron que por lá viveu durante algum tempo, considerando-a um *glorious Eden*.

A obra *Souvenir of Cintra: Drawn from Nature* é um outro bom exemplo das muitas publicações que resultaram das deambulações de viajantes ingleses por Portugal. Trata-se de um álbum composto por 10 estampas aguareladas, realizadas a partir dos esboços que W. Colebrooke Stockdale desenhou durante as suas visitas a Sintra, nos anos de 1873, 74 e 75, e que retratam as mais peculiares e pitorescas vistas da vila e das suas redondezas, como o Convento dos Capuchos e o Palácio de Monserrate. Este exemplar está integrado na Colecção Internacional que contém obras de autores estrangeiros sobre Portugal. ■

TÍTULO/ RESP *Souvenir of Cintra : drawn from nature/*
W. Colebrooke Stockdale

PUBLICAÇÃO [s.l. : s.n., 1876]

DESCR. FÍSIC [1], [10] f. soltas : il., estampas ; 40 cm

NOTAS *Legendas em inglês e português*

COTA(S) E-BI 1876 res

AGENDA

JANEIRO

COMO O CINEMA ERA BELO 50 FILMES INESQUECÍVEIS

Integrado nas Comemorações do Cinquentenário da Fundação e em colaboração com a Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, este Ciclo de Cinema apresenta 50 filmes, numa escolha de João Bénard da Costa. Uma mostra que assinala também a contribuição da Fundação, entre 1973 e 1990, para a divulgação do cinema através da organização de Ciclos, com obras clássicas, que marcaram uma época na formação dos gostos e na cultura cinematográfica em Portugal. Grande Auditório | €2,50

7, DOMINGO, 15H00

THE RIVER | 1951

(O RIO SAGRADO)
DE JEAN RENOIR

com Patricia Walters, Adrienne Corri, Rada Shri Ran

7, DOMINGO, 18H30

AU HASARD BALTHAZAR | 1966

(PEREGRINAÇÃO EXEMPLAR)
DE ROBERT BRESSON

com Anne Wiazemsky, François Lafarge, Walter Green

7, DOMINGO, 21H30

SICILIA!

(SICÍLIA)

DE JEAN-MARIE STRAUB E DANIELE HUILLET

com Gianni Buscarino, Vittorio Vigneri, Angela Nugara

13, SÁBADO, 15H30

THE STRAIGHT STORY | 1999

(UMA HISTÓRIA SIMPLES)

DE DAVID LYNCH

com Richard Farnsworth, Sissy Spacek,
Harry Dean Stanton

13, SÁBADO, 18H30

THE SHOP AROUND THE CORNER | 1940

(A LOJA DA ESQUINA)

DE ERNST LUBITSCH

com James Stewart, Margaret Sullavan, Frank Morgan

13, SÁBADO, 21H30

IT'S A WONDERFUL LIFE | 1946

(DO CÉU CAIU UMA ESTRELA)

DE FRANK CAPRA

com James Stewart, Donna Reed, Henry Travers,
Lionel Barrymore

14, DOMINGO, 15H30

LEAVE HER TO HEAVEN | 1945

(AMAR FOI A MINHA PERDIÇÃO)

DE JOHN M. STAHL

com Gene Tierney, Cornel Wilde, Jeanne Crain

14, DOMINGO, 18H30

GERTRUD | 1964

(GERTRUD)

DE CARL TH. DREYER

com Nina Pens Rode, Bendt Rothe, Ebbe Rode

14, DOMINGO, 21H30

PERSONA | 1966

(A MÁSCARA)

DE INGMAR BERGMAN

com Liv Ullmann, Bibi Anderson, Gunnar Björnstrand

20, SÁBADO, 15H30

LILITH | 1964

(LILITH E O DESTINO)

DE ROBERT ROSSEN

com Jean Seberg, Peter Fonda, Kim Hunter

20, SÁBADO, 18H30

LETTER FROM AN UNKNOWN WOMAN | 1948

(CARTA DE UMA DESCONHECIDA)

DE MAX OPHULS

com Joan Fontaine, Louis Jourdan, Mady Christians

20, SÁBADO, 21H30

VERTIGO | 1958

(A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES)

DE ALFRED HITCHCOCK

com Kim Novak, James Stewart, Barbara Bel Geddes

21, DOMINGO, 15H00

LA CHASSE AUX PAPILLONS | 1992

(A CAÇA ÀS BORBOLETAS)

DE OTAR IOSSELIANI

com Pierette Pompon, Bailhache, Narda Blanchet

21, DOMINGO, 18H30

L'ÂGE D'OR | 1966

(A IDADE DE OURO)

DE LUIS BUÑUEL

com Lia Lys, Gaston Modot, Max Ernst

21, DOMINGO, 21H30

ZIR-E DERAKHTANT-E ZEYTON | 1994

(ATRAVÉS DAS OLIVEIRAS)

DE ABBAS KIAROSTAMI

com Hossein Rezaei, Tahereh Ladanian, Zarifeh Shiva

27, SÁBADO, 15H30

VIAGGIO IN ITALIA | 1954

(VIAGEM EM ITÁLIA)

DE ROBERTO ROSSELLINI

com Ingrid Bergman, George Sanders

27, SÁBADO, 18H30

THE GIRL IN THE RED VELVET SWING | 1955

(A RAPAÇA DO BALOUÇO VERMELHO)

DE RICHARD FLEISCHER

com Joan Collins, Ray Milland, Farley Granger

27, SÁBADO, 21H30

IL BIDONE | 1955

(O CONTO DO VIGÁRIO)

DE FEDERICO FELLINI

com Broderick Crawford, Giulietta Masina,
Richard Basehart

28, DOMINGO, 15H30

I KNOW WHERE I'M GOING | 1945

(SEI PARA ONDE VOU)

DE MICHAEL POWELL E EMERIC PRESSBURGER

com Wendy Hiller, Roger Livesey, Pamela Brown

28, DOMINGO, 18H30

KAAGAZ KE PHOOL | 1959

(FLORES DE PAPEL)

DE GURU DUTT

com Guru Dutt, Waheeda Rehman, Johnny Walker

28, DOMINGO, 21H30

MOONFLEET | 1955

(O TESOURO DO BARBA RUIVA)

DE FRITZ LANG

com Jon Whiteley, Stewart Granger, Joan Greenwood



EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, das 10h00 às 18h00 [encerradas às segundas-feiras]

As visitas guiadas para turistas no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão e para grupos [mínimo 10 e máximo 20 pessoas] requerem marcação prévia para o tel. 21 782 36 20 [€60 por grupo em língua estrangeira e €50 por grupo nacional].

AINDA PODE VER...

ATÉ 7 JANEIRO

MUNDOS DE SONHO

GRAVURAS E PINTURAS JAPONESAS MODERNAS DA COLEÇÃO ROBERT O. MULLER

Uma selecção de quase uma centena de gravuras japonesas, obras-primas da célebre colecção Robert O. Muller da Arthur M. Sackler Gallery, de Washington. Doada à Sackler Gallery, após a morte do coleccionador, em 2003, as gravuras documentam o modo como as qualidades expressivas e funções da gravura tradicional japonesa em madeira se adaptaram aos desafios da modernidade em finais do século XIX e início do século XX. A exposição contém alguns dos mais notáveis exemplos de trabalhos dos artistas do shin hanga ou do movimento "nova gravura".

Visitas guiadas: 2 e 5, terça e quinta, 15h00

Sala de Exposições Temporárias do Museu

Entrada livre

ATÉ 7 JANEIRO

GRAVURA

JOSÉ PEDRO CROFT

José Pedro Croft tem desenvolvido, a par da escultura, uma obra igualmente importante no desenho e na gravura. A presente exposição apresenta gravuras recentes, impressas em Barcelona nas reputadas Oficinas de Tristan Barbara. São obras de grande impacto visual, quer pela sua grande dimensão quer pelo extraordinário trabalho sobre a cor que o artista realizou.

Visitas-conversa: 6, sábado, 15h00, por Ana Gonçalves

CAMIAP, Galeria de Exposições Temporárias

Entrada livre



ATÉ 14 JANEIRO

DIÁLOGO DE VANGUARDAS

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO

Esta exposição abrange todo o período de actividade de Amadeo, aproximadamente uma década (1907-1918) e pretende estabelecer um reencontro entre a sua obra e a de artistas estrangeiros seus contemporâneos, dentro e fora do seu círculo de amizades, em cujas obras se revelam os sinais e as complicitades experimentais do tempo. Este acontecimento, que reúne perto de 260 obras, só se concretizou graças à colaboração de vários museus nacionais e internacionais e de colecionadores particulares, portugueses e estrangeiros. Entre eles, os herdeiros de Amadeo de Souza-Cardoso a quem se deve uma colaboração incondicional para a realização desta exposição.

Visitas-conversa:

7, domingo, 15h00, *Amadeo, a Alemanha e o Expressionismo Alemão*, por Hilda Frias

14, domingo, 12h00, *Diálogo de Vanguardas - Amadeo em contexto internacional. Um balanço*, por Helena de Freitas (comissária) e Catarina Alfaro (comissária-adjunta)

14, domingo, 15h00, *A cor no tempo de Amadeo 3:*

Cor e forma, por Ana Gonçalves

Sede da Fundação Calouste Gulbenkian, Pisos 0 e 01

ATÉ 22 ABRIL

CONVOCAÇÃO I E II

(MODO MENOR E MODO MAIOR)

OBRAS NA COLEÇÃO DO CAMJAP

FERNANDO CALHAU

Uma reavaliação da obra de Fernando Calhau, artista cujo percurso singular, em constante e persistente diálogo com o minimalismo e a arte conceptual, se constitui como caso único no panorama artístico português do século XX. O pretexto é a extensa e importante doação que a viúva do artista, Cândida Calhau, fez à Fundação Calouste Gulbenkian. A exposição foca sobretudo a vasta produção de desenho e de gravura de Fernando Calhau, em grande parte inédita, bem como alguma pintura nunca ou raramente vista, e ainda conjuntos escultóricos de grandes dimensões.

Piso 1 CAMJAP

ATÉ 29 ABRIL

FUNDAÇÃO

PEDRO CABRITA REIS

Uma instalação iniciada em Julho que reúne materiais da Fundação Gulbenkian dos últimos 50 anos. Incorpora metáforas da construção, da casa, do ofício e labor, frequentes na sua obra, a que se juntam *The White Room*, uma ocupação no Hall de entrada do Museu com um conjunto de pinturas do artista.

CAMIAP, piso 0

ATÉ 29 ABRIL

HUMOR E ILUSTRAÇÃO NA COLEÇÃO CAMJAP

Desde sempre, grandes artistas gostaram de estender o seu traço à interpretação mordaz do quotidiano urbano. Portugal não constituiu uma excepção e alguns dos artistas que viriam a constituir o centro do nosso primeiro modernismo deram provas disso. Artistas como Cristiano Cruz, António Soares, Jorge Barradas e até o próprio Amadeo de Souza-Cardoso, estão representado nesta exposição.

CAMIAP, piso 01



ATÉ 29 ABRIL

A PARTIR DA COLEÇÃO

Algumas obras da colecção do CAMJAP consideradas importantes na História de Arte dos séculos XX e XXI são mostradas como perspectiva sumária e muito aberta sobre o espólio.

CAMIAP, piso 01

ATÉ 22 JULHO

UMA OBRA EM FOCO

A ESCULTURA BACO

DE MICHAEL RYSBRACK (1693-1770)

Iniciativa que se propõe centrar a observação do público numa só obra dificilmente integrável no discurso expositivo do Museu Gulbenkian e por isso mantida em reserva. Criada em 1751 por Michael Rysbrack, artista flamengo que trabalhou em Londres na primeira metade do século XVIII.

Galeria de Exposição Permanente do Museu



Música

5, SEXTA, 19H00

6, SÁBADO, 21H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Jun Märkl MAESTRO

Sequeira Costa PIANO

Modest Mussorgsky, Sergei Rachmaninov, Claude Debussy

Grande Auditório

7, DOMINGO, 12H00

CONCERTOS DE DOMINGO

LANCHE LYRIQUE

Pedro Castro OBOÉ E FLAUTA

Lidewei De Sterk OBOÉ BARROCO

Benny Aghassi FAGOTE BARROCO

Flávia Almeida Castro Cravo

J. D. Zelenka, A. Vivaldi, G. F. Händel

Átrio da Biblioteca de Arte

8, SEGUNDA, 18H00

COMENTÁRIO PRÉ-CONCERTO

Auditório Três

8, SEGUNDA, 19H00

CICLO DE MÚSICA ANTIGA

RIAS KAMMERCHOR

AKADEMIE FÜR ALTE MUSIK BERLIN

Hans-Christoph Rademann DIRECÇÃO

Simone Nold SOPRANO

Franziska Gottwald MEIO-SOPRANO

Markus Schäfer TENOR

Jochen Kupfer BAIXO

Konrad Jarnot BAIXO

Carlos Seixas, Georg Philipp Telemann, Georg Philipp

Telemann

Grande Auditório

9, TERÇA, 19H00

CICLO NOVOS INTÉRPRETES

Pedro Meireles VIOLINO E VIOLA

Sophia Rahman PIANO

Paul Hindemith, Cláudio Carneiro, Olivier Waespi,

Benjamin Britten, Maurice Ravel

Auditório Dois



11, QUINTA, 21H00

12, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA E CORO GULBENKIAN

CORO INFANTIL DA ACADEMIA DE STA. CECÍLIA

Gennadi Rozhdestvensky MAESTRO

Nancy Gustafson SOPRANO

Katja Lytting MEIO-SOPRANO

Thomas Thomasson BARÍTONO

Alexander Kisselev BAIXO

Jorm Hynninen BAIXO

Franz Liszt

Grande Auditório



17, QUARTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

ANGELA GHEORGHIU IN CONCERT

CONCERTO ÚNICO

Lawrence Foster MAESTRO

Angela Gheorghiu SOPRANO

Árias de ópera de Giacomo Puccini

Grande Auditório

19, SEXTA, 18H00

COMENTÁRIO PRÉ-CONCERTO

Com Christophe Desjardins

Auditório Três

19, SEXTA, 19H00

VANGUARDAS / NOVAS VANGUARDAS

Kaoli Ishiki SOPRANO

Christophe Desjardins VIOLA

Florent Boffard PIANO

Daniel Ciampolini PERCUSSÃO

Olivier Long / Joachim Luxo PROJECCÃO DE VÍDEO

"Canção do Violetista"

Robert Schumann, Ivan Fedele, Leos Janáček, Luciano Berio

Grande Auditório

22, SEGUNDA, 19H00

CICLO DE MÚSICA ANTIGA

AL AYRE ESPAÑOL

COLLEGIUM VOCALE DE GHENT

Eduardo López Banzo DIRECÇÃO

Isabel Monar SOPRANO

Nuria Rial SOPRANO

Carlos Mena CONTRATENOR

Malcolm Bennett TENOR

Josep Miquel Ramón BARÍTONO

Georg Friedrich Händel, José de Nebra

Grande Auditório

23, TERÇA, 19H00

CICLO DE CANTO

Bernarda Fink MEIO-SOPRANO

Octeto Ibérico de Violoncelos

"Pasión Argentina"

Carlos Guastavino, Alberto Ginastera, Astor Piazzola

Grande Auditório

25, QUINTA, 19H00

26, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Guillaume Bourgogne MAESTRO

5º Workshop da Orquestra Gulbenkian para Jovens

Compositores Portugueses

Grande Auditório

29, SEGUNDA, 19H00

CICLO DE PIANO

Murray Perahia PIANO

Grande Auditório



30, TERÇA, 19H00

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA

KALICHSTEIN – LAREDO – ROBINSON TRIO

Joseph Kalichstein PIANO

Jaime Laredo VIOLINO

Sharon Robinson VIOLONCELO

Claude Debussy, Maurice Ravel

Grande Auditório

EVENTOS



PRÉMIOS NOBEL DA MEDICINA

Prestar tributo a investigadores que influenciaram significativamente o conhecimento biomédico através de contributos pessoais de excepcional mérito, cujo valor foi reconhecido pela atribuição do galardão Nobel, faz a justificação deste Ciclo.

10, QUARTA, 18H00

PORQUE NÃO TEMOS AINDA UMA VACINA CONTRA O HIV?

ROLF M. ZINKERNAGEL

15, SEGUNDA, 18H00

RATOS, HOMENS E DOENÇA MENTAL: A UTILIZAÇÃO DE MODELOS ANIMAIS NO ESTUDO DAS PERTURBAÇÕES PSIQUIÁTRICAS
ERIC KANDEL

18, QUINTA, 18H00

ENTENDER OS MECANISMOS DO SPLICING
PHILIP A. SHARP

22, SEGUNDA, 18H00

AS NOVAS TENDÊNCIAS EM MICROBIOLOGIA
Fundação de Serralves, Porto

24, QUARTA, 10H00

O PROTEOSOMA E A MORTE CELULAR
Fundação de Serralves, Porto

24, QUARTA, 18H00

O CONTROLO DAS TRANSIÇÕES DO CICLO CELULAR
TIM HUNT

FÓRUM GULBENKIAN IMIGRAÇÃO

31, QUARTA, 15H00

PORTUGAL E OS PORTUGUESES VISTOS PELOS IMIGRANTES

Apresentação do documentário subordinado ao tema "Portugal e os Portugueses Vistos pelos Imigrantes", produzido por Luísa Homem (aluna do 1º Curso de Realização de Documentários do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística), seguida de debate.

Auditório 2

Entrada Livre

VISITAS TEMÁTICAS NO CAMJAP

Entrada livre. Não é necessária marcação prévia.

CICLO ENCONTROS IMEDIATOS

CONVERSAS À HORA DO ALMOÇO

5, SEXTA, 13H15

Amadeo e a Alemanha: August Macke e Otto Freundlich (encontros com o modernismo), por Alda Galsterer

12, SEXTA, 13H15

Palavras e Letra de Imprensa: Amadeo Souza-Cardoso e Ivan Puni (encontros com o modernismo), por Hilda Fria

CICLO ARTISTAS DA COLEÇÃO

13, SÁBADO, 15H00

António Pedro como Precursor do Surrealismo Português, por Sílvia Almeida

CICLO ZONAS DE CONTACTO

20, SÁBADO, 15H00

Coleções e Exposições, por Sandra Vieira Jürgens

CICLO GÊNEROS E MODOS

21, DOMINGO, 12H00

O Espaço como Matéria-Prima, por Carlos Carrilho

27, SÁBADO, 15H00

A Cinética do Tempo no Processo Industrial, por Susana Anágua

21, DOMINGO, 12H00

O Corpo enquanto Matéria, o Corpo como Discurso, por Carla Mendes

CURSOS

13 E 14, SÁBADO E DOMINGO,

10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H30

Arte Contemporânea: Quês e Porquês, por Hilda Frias

Sala 2, Sede da Fundação

€60 [marcação prévia]

PARA OS MAIS NOVOS

PROGRAMAS ESPECÍFICOS PARA AS ESCOLAS

NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN:

Marcação prévia, tel. 21 782 34 22; 21 782 34 57; fax 21 782 30 32
dcerqueira@gulbenkian.pt
www.museu.gulbenkian.pt

VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES

NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta-feira das 15h00 às 17h00
tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

ATELIÊS E VISITAS-ATELIÊS NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta-feira das 10h00 às 12h30 e das 15h00 às 17h00
tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

6, SÁBADO, 15H30

ELEMENTAR, MEU CARO AMADEO!

Visita-jogo, por Carla Mendes

Dos 8 aos 13 anos

€4

7, DOMINGO, 11H00 ÀS 12H00 E 15H30 ÀS 17H00

IDEIAS IRREQUIETAS

O SULTÃO E OS RATOS

Histórias com arte, por Margarida Botelho e Dora Batalim

Dos 2 aos 4 anos + 1 adulto [11h00 às 12h00]

e dos 5 aos 7 anos [15h30 às 17h00]

€4,50

13, SÁBADO, 15H30 ÀS 17H30

14, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

VAMOS ÀS CORES?

Oficina, em torno da exposição *Diálogo de Vanguardas*,

por Lígia Afonso e Ana Gonçalves

Dos 6 aos 10 anos [dia 13] e dos 4 aos 6 anos + 1 adulto [dia 14]

€5

20, SÁBADO, 15H30

SPLASH AZUL – MERGULHOS NA COLEÇÃO!

Visita-jogo, por Vera Alvelos e Adriana Parda

Dos 6 aos 10 anos

€4

21, DOMINGO, 11H00 ÀS 12H00 E 15H30 ÀS 17H00

IDEIAS IRREQUIETAS

O SULTÃO E OS RATOS

Histórias com arte, por Margarida Botelho e Dora Batalim

Dos 2 aos 4 anos + 1 adulto [11h00 às 12h00]

e dos 5 aos 7 anos [15h30 às 17h00]

€4,50

27, SÁBADO, 15H30 ÀS 17H30

28, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

TUDO SE TRANSFORMARÁ:

ARMÁRIOS PARA MUITOS CENÁRIOS

Oficina em torno da instalação de Pedro Cabrita Reis,

por Carla Rebelo e Rita Cortez Pinto

Dos 6 aos 10 anos [dia 27] e dos 4 aos 6 anos + 1 adulto [dia 28]

€5

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

13, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

14, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

COMO NASCE UMA ESCULTURA?

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

Visita orientada às coleções de escultura do Museu, seguida de oficina criativa.

Dos 4 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos

€7,5 [por criança]

20, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

21, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

CULTURAS E MITOS

O MUSEU EM FAMÍLIA

Visita orientada às coleções do Museu, seguida de oficina criativa para crianças e seus familiares.

€10 [uma criança e um adulto]

€4 [por cada criança adicional em cada grupo]

27, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

28, DOMINGO, 10H30 ÀS 13H30

VIAGEM AO INTERIOR DA TEXTURA:

O NÓ PERSA E O NÓ TURCO

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

Visita orientada à galeria de arte islâmica do Museu, seguida de oficina de tecelagem

Dos 10 aos 13 e dos 14 aos 16 anos

€30 [módulo de uma manhã e uma tarde]

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

3, 10, 17, 24 E 31, QUARTA, 10H00 E 11H00

VIAGEM AO MUNDO DO SOM

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos

€4

3 A 19 [EXCEPTO DOMINGO], 10H00

DEBUSSY – O MAR E OS JOGOS

Oficina de artes plásticas, a propósito do concerto da Orquestra Gulbenkian com as obras *Jeux* e *La Mer* de Claude Debussy (5 e 6 de Janeiro) na temporada de concertos do Serviço de Música.

Concepção e orientação: Susana Neves

Dos 3 aos 5 anos

€4

4, 11, 18 E 25, QUINTA, 10H00 E 11H00

VIAGEM AO MUNDO DO SOM BARROCO E CLÁSSICO

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos

€4

5, 12, 19 E 26, SEXTA, 10H00

COMO SE FAZ UM CONCERTO?

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos

€4

9 A 12, TERÇA A SEXTA, 13H30

13, SÁBADO, 16H00

CONCERTO (IM)PREVISTO*

Dois programas para Amadeo:

Ruptura e Modernismo – Programa II

Concerto-recital concebido em torno da exposição de Amadeo de Souza-Cardoso, onde a música se associa às artes plásticas, adultos

Galeria de Exposições Temporárias da Sede da Fundação

Entrada Livre

13, SÁBADO, 10H00 E 15H00

TUDO SE TRANSFORMA - MATERIAIS RECICLÁVEIS*

Oficina de construção de instrumentos

10H00 | dos 7 aos 9

15H00 | dos 10 aos 12 anos

€5

22 A 3 FEVEREIRO [EXCEPTO DOMINGO], 10H00

VEM DANÇAR AS FORÇAS DA NATUREZA*

Oficina de expressão corporal e dramática, a propósito do concerto com a Donnerode ("Ode do Trovão") de Telemann (8 Janeiro) na temporada de concertos do Serviço de Música.

Concepção e orientação: Aldara Bizarro

Dos 6 aos 12 anos

€4

22 A 3 FEVEREIRO [EXCEPTO DOMINGO], 10H00

25 E 26, QUINTA E SEXTA, 15H00 [ALUNOS DE MÚSICA]

CHOSTAKOVITCH – PERCURSOS DE UM

COMPOSITOR EM FORMA DE HOMENAGEM

Oficina-concerto de exploração musical, a propósito do

Concerto Comentado da Orquestra Gulbenkian com

o 1º andamento do Concerto para violoncelo nº1 de

Chostakovitch (ver Concertos Comentados).

Concepção e orientação: Etienne Lamaison

Dos 6 aos 12 (sábados), 13 aos 17 anos e estudantes de música

€5

CURSOS LIVRES

15, 17, 22 E 24, SEGUNDA E QUARTA, 18H30

HISTÓRIA DA MÚSICA OCIDENTAL

À VELOCIDADE DO SOM

Curso livre, Orientador: Rui Vieira Nery

1º MÓDULO | Da Antiguidade ao Renascimento

2º MÓDULO | Barroco e Classicismo

3º MÓDULO | Romantismo

4º MÓDULO | Música do séc. XX

Jovens e adultos

€35 (4 sessões de 2h)

Auditório Três

29 A 3 FEVEREIRO, SEGUNDA A SEXTA

CHOSTAKOVITCH

PERCURSOS DE UM COMPOSITOR

Oficina-concerto de exploração musical

Orientador: Etienne Lamaison

Adultos

18H30 | Segunda a sexta

15H00 | Sábado

€7,50 (sessão de 2h)

Auditório Três

*evento associado ao programa educativo do CAMJAP

PUBLICAÇÕES



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN OS EDIFÍCIOS

No ano em que se comemora o cinquentenário da Fundação, este livro, da autoria de Ana Tostões, mostra o processo de construção da Sede e Museu Gulbenkian, obra ímpar de arquitectura, concebida no final dos anos 50 e construída ao longo da década de 60. Partindo dos antecedentes da história, do gosto de Calouste Sarkis Gulbenkian pela arte e pela natureza, é referida toda a história da proposta vencedora apresentada pelos arquitectos Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy d'Atouguia desde o projecto de licenciamento, em 1961, até à conclusão da obra em 1969. É ainda dedicado um capítulo à génese e construção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão. Por fim, o texto sublinha as potencialidades do conjunto arquitectónico, quer o seu valor como património moderno quer a sua capacidade de hoje em dia poder ser designado como edifício verde.



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN O JARDIM

Monografia do Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian coordenada por Aurora Carapinha que relata a história da sua construção. O primeiro capítulo salienta a importância do local na proposta apresentada pelos autores do jardim, António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles. Os capítulos seguintes referem a escolha do Parque de Santa Gertrudes e as vontades que viabilizaram o projecto. No quarto capítulo analisa-se todo o processo de construção, apresentando-se, no capítulo seguinte, o contexto conceptual que fundamenta as intervenções actuais de autoria de Gonçalo Ribeiro Telles. Um estudo sobre o Jardim no contexto internacional é proposto no penúltimo capítulo. Por fim discute-se e enquadra-se a poética subjacente ao desenho do jardim na cultura portuguesa.



MEMÓRIA

Visita de José de Azeredo Perdigão ao Centro de Reabilitação Calouste Gulbenkian da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, em Novembro de 1971, por ocasião do primeiro aniversário desta instituição, criada com o apoio da Fundação.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

50
1956
2006
anos

Serviço de Comunicação
Av. de Berna, 45 A • 1067-001 Lisboa
Tel. 217 823 000 Fax 217 823 027
info@gulbenkian.pt
www.gulbenkian.pt